



Área: 1796cm² / 48%

Tiragem: 16.981

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6867397



10 A estratégia portuguesa para o Espaço

Área: 1796cm² / 48%

FOTO Titagem: 16.981

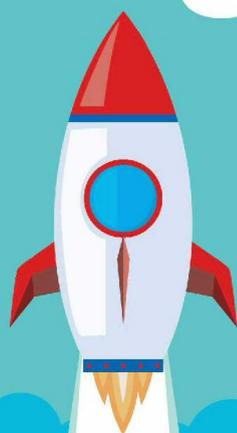
Cores: 4 Cores

ID: 6867397



ANÁLISE

Uma estratégia Espaço com



O Governo português desenhou uma estratégia para o Espaço que tem o horizonte de uma década. Chama-se Portugal Space 2030 e prevê a construção e o lançamento de pequenos satélites que permitam, a partir da observação da Terra, criar serviços digitais para as empresas “não espaciais”. Isso alavancará os negócios do cluster espacial nacional, que fatura agora cerca de 50 milhões de euros por ano. A meta é multiplicar esse valor por 10, até 2030.

FILIPA LINO

flino@negocios.pt

SÍLVIA ARROCHINHO

Ilustração



para o os pés na Terra



“U

mpequeno passo para o Homem, um salto gigantesco para a Humanidade.” A frase é de Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar solo lunar, a 20 de julho de 1969. Um feito histórico que marcou o início de uma nova era – a conquista do Espaço. Os olhos do mundo voltaram-se de novo para o céu há cerca de duas semanas, quando o foguetão da Space X foi lançado do centro espacial Kennedy, na Florida. Também este voo é histórico, porque é o primeiro organizado por uma empresa privada, liderada por Elon Musk, que tem em vista lançar-se no negócio do turismo espacial.

A corrida ao Espaço é muitas vezes comparada à viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães, há 500 anos. Na altura, os portugueses foram pioneiros na exploração de territórios até então desconhecidos. Mas, na descoberta do Espaço, Portugal ficou para trás. São potências como os EUA, a Rússia e a China que mais estão a investir na descoberta do que está para lá da atmosfera terrestre, a pensar na Defesa, mas também na economia.

Portugal, pela sua dimensão, não tem capacidade para entrar no pelotão da frente no “campeonato espacial”. Mas tem uma estratégia para o Espaço, chama-se Portugal Space 2030, foi apresentada pelo Governo em novembro de 2019, em Sevilha, na “Space 19+”, a conferência ministerial da Agência Espacial Europeia



(cuja sigla em inglês é ESA). Portugal preside atualmente, em conjunto com França, o Conselho Ministerial da ESA.

Na estratégia para a próxima década, o Governo pretende atrair 2.500 milhões de euros para o setor – metade desse montante será assegurado por privados – e criar mil empregos qualificados em áreas como a observação da Terra, segurança espacial, telecomunicações, ciência espacial e transporte.

“Não tem nada a ver com a conquista do Espaço”, afirma Manuel Heitor, ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Pelo contrário, é uma estratégia “civil” de observação do Espaço para a Terra. O que se pretende é “disponibilizar serviços digitais que criem valor em setores tradicionalmente ‘não espaciais’”, explica.

Isso será feito através da produção de pequenos satélites. A informação recolhida por esses aparelhos, que inclui imagens de alta resolução, poderá ser utilizada em setores como a agricultura de precisão (que consome menos água, menos energia e reduz o uso de químicos e fertilizantes), nas pescas, mas também na modernização e gestão de grandes infraestruturas e no desenvolvimento urbano.

Outros setores com interesse nestes serviços são os mercados financeiros e os seguros, “porque esta informação de observação da Terra com precisão será cada vez mais crítica para avaliar riscos, por exemplo, na emissão de apólices de seguros ou na análise de acidentes e de incidentes”, explica. Um exemplo é o cadastro urbano, que “pode começar a ser feito integralmente por imagens de satélite – que hoje têm uma definição de cerca de 20 cm”. A informação do Espaço no desenvolvimento de serviços urbanos é certamente uma área que se vai desenvolver muito nos próximos anos”, antecipa o ministro.

A academia também faz parte desta estratégia. Está em curso a capacitação dos centros de engenharia do país e de pequenas empresas nacionais para atuarem em novos mercados. “Falamos em mercados globais, por isso trabalhamos sempre no contexto da ESA, para fazer parcerias a nível europeu”, refere. Mas Manuel Abreu, investigador no Instituto de Astrofísica e Ciências do Espaço e na Faculdade Ciências da Universidade de Lisboa, lamenta que o contributo que a academia deu, num dos dois grupos de trabalho que o Governo estabeleceu para preparar a estratégia nacional para o Espaço, quase não tenha sido refletido no documento final. “As escolhas políticas não tiveram em conta as linhas de investigação nas áreas científicas que estão a ser desenvolvidas em Portugal, em particular, em Astronomia e Astrofísica”, considera. Isto porque a estratégia nacional “aposta numa visão de cima para baixo, na exploração de serviços para a observação da Terra e do mar”, enquanto “a investigação portuguesa vai no sentido oposto, historicamente, é de baixo para cima”.

Tal não significa que não haja espaço para a ciência nestes projetos da agência espacial portuguesa”, admite. Portugal tem “know-how” nas ciências do espaço e a academia por-

tuguesa “está agora mais bem preparada do que há 20 ou 30 anos, estando envolvida em projetos da ESA e de outras entidades a nível europeu”, afirma.

A entidade que recebeu a missão de tirar a estratégia nacional do papel e torná-la realidade é a Space Portugal – a agência espacial portuguesa –, que tem quatro associados fundadores: a Fundação para a Ciência e Tecnologia, a Agência Nacional de Inovação, a Direção-Geral de Recursos da Defesa Nacional e a Região Autónoma dos Açores, através da Associação RAEGE Açores – Rede Atlântica de Estações Geodinâmicas e Espaciais. “A razão para criar uma agência espacial foi nos prepararmos melhor para as linhas de financiamento do futuro programa espacial europeu, que irá começar em janeiro de 2021 e que se prolonga até 2027”, afirma o ministro. Nesse programa, a CE propõe consagrar 16 mil milhões de euros à manutenção e ao reforço da liderança da Europa no domínio espacial.

UMA AGÊNCIA ESPACIAL A DAR OS PRIMEIROS PASSOS

A Space Portugal é liderada por Chiara Manfletti, engenheira aeronáutica com dupla nacionalidade, italiana e alemã, que define a agência como “uma unidade de desenvolvimento de negócios para todas as entidades em Portugal, sejam universidades, instituições de investigação ou empresas”. A ex-conselheira do diretor-geral da ESA considera a estratégia portuguesa “muito ambiciosa”. Ao longo destes meses, esteve a avaliar “quais os projetos da ESA que podem ser interessantes para Portugal, tanto para o Governo investir como para estimular negócios”. É preciso encontrar “os nossos nichos de mercado”, afirma. Chiara esteve em contacto com todas as empresas do setor para perceber como é que a agência pode “ajudá-los a tornarem-se líderes naquilo que fazem”.

Nos últimos 20 anos, Portugal investiu no Espaço enquanto fornecedor de equipamentos e componentes. O setor fatura cerca de 50 milhões de euros anuais. O objetivo é multiplicar esse valor pelo menos por 10 vezes na próxima década. Ou seja, chegar a 2030 com uma faturação acima de 500 milhões de euros. Para dar esse salto, Portugal tem de ser “um integrador de sistemas”, afirma a engenheira. “Queremos construir um satélite completo.”

Outra das missões da Portugal Space é atrair investimento estrangeiro para Portugal em estreita colaboração com a AICEP, porque ao “trazer investimento e conhecimento, podemos acelerar o passo e chegar mais depressa aos nossos objetivos”, refere. Na ilha de Santa Maria, nos Açores, será construído um porto espacial voltado para a indústria. O plano inicial era ter um lançamento na ilha açoriana no final de 2021. Mas, com a pandemia, os processos atrasaram. “Se acontecer em 2022, ficaria muito feliz”, diz.

O país demorou anos a ter retorno económico da sua contribuição financeira para a ESA, que atingiu cerca de 20 mi-



lhões de euros por ano e sai dos cofres da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Mas as coisas mudaram. “Neste momento, as empresas portuguesas já conseguem atrair mais financiamento do que a contribuição nacional”, afirma Manuel Heitor. Atualmente, existe no país um leque diversificado de empresas, como o centro de engenharia CEiiA, a Efacec, a Critical Software ou a Tekever. Estas companhias são subcontratadas da ESA para serviços diversos, desde informação do rastreio de satélites à observação da Terra.

A contribuição portuguesa para o orçamento da ESA subiu em 2019 para 102 milhões de euros num horizonte de cinco anos. O montante será distribuído pela componente científica, obrigatória, e por vários programas opcionais. É aqui que entram as empresas. Estes programas “funcionam com base em retorno geográfico, embora este critério não seja, por si só, suficiente para ganhar contratos, explica José Neves, presidente da AED Cluster Portugal, associação que representa o setor do Espaço. O empresário garante que “há uma relação muito próxima entre a indústria e a academia”, e o facto de haver “um racional para o investimento público constitui um estímulo para o setor e para o seu reconhecimento pela sociedade civil”, conclui. **w**